

MULHERES ASSENTADAS: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO

Daniele Torres Aro¹

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante²

Resumo: As mulheres saíram para trabalhar fora assumindo a jornada dupla, ficando para ela a incumbência dos saberes da casa, os afazeres domésticos e de cuidar dos filhos sozinhas. O estudo investiga a divisão sexual do trabalho no interior das famílias, as funções atribuídas às mulheres em seu trabalho na casa, quintais, nos lotes, ressaltando-se que as estatísticas subestimam a participação das mulheres, as tornam invisíveis. O trabalho teve como objetivo acompanhar e analisar a divisão sexual do trabalho nos assentamentos rurais, dando ênfase aos lugares ocupados por mulheres no autoconsumo, nas atividades de agroindustrialização familiar, ressaltando a importância da mulher assentada na segurança alimentar. A metodologia utilizada foi o diário de campo e questionários quali-quantitativos do projeto INCRA/UNIARA. A pesquisa constatou que as mulheres cuidam da reprodução da família e participam das atividades agrícolas de pequeno porte, geralmente associadas ao abastecimento alimentar. Atividades secundárias a elas são do tipo mão-de-obra reserva para atividades que demandam mais trabalho na roça, como nas colheitas e plantios. Desse ponto de vista, as relações de gênero adquirem hierarquias de poder que refletem a estrutura social "convencional", na qual o homem está sempre em posição superior à da mulher, reproduzindo assim uma situação de violência simbólica.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho; Agroindustrialização familiar; Protagonismo feminino.

¹Médica Veterinária, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA.

²Socióloga, pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA e do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (Nupedor).

Abstract: *Women continue to enter the workforce working outside the home with double workloads of family care and paid-employment, as they are still primarily responsible for tasks with the home and family environment, including housework and childrearing. This paper examines the gender division of labor within households, the roles that are assigned to women including responsibilities in the home, backyards, and in the plots of land, highlighting that the statistics data underestimate female participation in agriculture, making them invisible. The work aimed to monitor and analyze the gender division of labor in rural settlements, and emphasizes the positions occupied by women in the activities of agro-industrialization, consumption, highlighting that rural women play a pivotal role in food security. Field notes and qualitative/quantitative questionnaires were used as research methods of the INCRA/UNIARA project. The results showed that women undertake the reproductive role and are involved in agricultural activities for family nutrition. Secondary activities are assigned to them such as a reserve workforce for farming practices, for instance activities of plantation and harvesting. From this perspective, these hierarchical relations of power between women and men tend to reflect the social structure and patterns that men tend to rise to higher positions than women thus depicting the concept of symbolic violence.*

Keywords: *Gender division of labor; Family Agro-Industrialization; Female role.*

Introdução

As mulheres saíram para trabalhar fora assumindo a jornada dupla, ficando para elas igualmente a incumbência dos afazeres domésticos e do cuidado dos filhos. O estudo investiga a divisão sexual do trabalho no interior das famílias assentadas, as funções atribuídas às mulheres em seu trabalho na casa, quintais, nos lotes, ressaltando-se que as estatísticas subestimam a participação das mulheres.

Só muito recentemente, a PNAD/IBGE passou a registrar, em suas cifras, os afazeres domésticos. Há, em geral, subestimação da participação das mulheres na agricultura, bem como da sua contribuição para a produção de subsistência e das atribuições em relação ao meio ambiente, geralmente associadas a princípios agroecológicos. E também e não menos importante, analisar como estão sendo oferecidos os cursos de capacitações, qual a participação das mulheres nestes cursos e quais as melhores formas de se fornecer a informação, que muitas

vezes já chega estereotipada, ressaltada a reprodução do machismo do mundo rural e do urbano também. Igualmente, as capacitações com enfoque produtivo agrícola ou não agrícola, ou seja, os espaços de conhecimento são normalmente ocupados por homens e o presente estudo pretende discutir a participação das mulheres em espaços naturalizados pela participação quase exclusiva dos homens.

As pesquisas qualitativas desenvolvidas pelo NUPEDOR têm mostrado que o trabalho das mulheres é voltado à satisfação das necessidades familiares. Essa participação tem favorecido a diversificação agrícola e outras práticas agroecológicas na terra, como consorciamentos, adubação orgânica, integração animal/vegetal, rotação de pastagens, dentre outras, que ocupam pequenos espaços. Estes trabalhos são considerados inferiores e/ou não são valorizados. As pesquisas do NUPEDOR têm ressaltado a externalidade do papel das mulheres em questões fundamentais de reprodução social, como por exemplo, a alimentação, valorizando igualmente seu papel na produção³.

A alimentação da família envolve tanto uma cesta alimentar diversificada como a preocupação de ingerir alimentos "naturais", levando-se em conta o bem-estar da família, atingindo a esfera nutricional e a satisfação do gosto e das preferências alimentares. Com isso, a mulher traz para dentro de casa os amidos, as vitaminas, os sais minerais e mesmo proteínas animais, advindos das pequenas criações das quais toma conta. Essa relação com a terra pode ser considerada de afetividade, expressa nas cores e cuidados com os quintais domésticos.

As mulheres também são detentoras e guardiãs de valores culturais e sociais do grupo, como os conhecimentos sobre ervas medicinais, cultivo e administração de remédios caseiros e orações para proteção da família e do homem, ou seja, uma outra dimensão considerada invisível. Além disso, são elas que educam os filhos, têm maior convivência com eles principalmente nos primeiros anos de vida, retransmitindo seus conhecimentos e sendo, portanto, incumbidas da reprodução social. Seu trabalho é, portanto, responsável pela construção dos lugares, da moradia, da alimentação, dos cuidados com os animais, dos referenciais básicos dos assentamentos, o que vai ser analisado a partir do acompanhamento de algumas mulheres assentadas.

³Projetos do Nupedor: Relações de Gênero e iniciativas de outro modelo de desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais (CNPq, 2009-2010) e Assentamentos Rurais x Desenvolvimento: integração, diversificações, contrapontos e complementaridades (CNPq, 2010-2015).

Segundo dados de pesquisa realizado pelo MDA (BRASIL, 2006) as atividades de autoconsumo ocupam cerca de 40% do total da ocupação feminina e 8,9% da mão-de-obra masculina na agropecuária. "Em 2004 dedicaram-se à atividade de autoconsumo cerca de 3.387.184 pessoas, com uma taxa de participação de 68% de mulheres e 31,8% de homens. Portanto, são atividades vinculadas às mulheres e ao seu cotidiano" (BRASIL, 2006). Considerando-se a importância do autoconsumo no meio rural, pelo fato de que se trabalha sem remuneração e mesmo assim se tem acesso ao alimento, diferentemente da cidade, conclui-se que realmente se trata de uma questão importante envolta em invisibilidades.

Durante séculos, no que se refere à sociedade ocidental, elas simplesmente não "aparecem" na história. Acreditamos, entretanto, que esse ocultamento nada tem de "natural", mas é tecido cotidianamente na teia de representações sociais que informam e valoram os diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres (KUHN, 2010).

Fruto de dissertação de mestrado o artigo propõe-se a acompanhar e analisar a divisão sexual do trabalho nos assentamentos rurais, tomando-se a família como unidade básica de investigação, dando ênfase aos lugares ocupados por mulheres no autoconsumo, nas atividades de agroindustrialização familiar, ressaltando a importância da mulher assentada na segurança alimentar.

Caminhos da pesquisa: metodologia

A pesquisa teve como sujeitos de investigação mulheres assentadas com diferentes estruturas familiares e diversidades na situação de produção/reprodução rural. A partir disso procurou-se desvendar a diversidade dos trabalhos realizados pelas mulheres, que por motivos de constituição e reprodução da sociedade patriarcal são ocultados.

A técnica de pesquisa adotada que tem possibilitado, neste ciclo de pesquisa, a obtenção de dados etnográficos e significativamente relevantes é comumente chamada de diário de campo. Na verdade, é um pequeno caderno de bolso, que nos acompanha no trabalho de campo e no qual são registradas passagens das visitas às famílias assentadas rurais. Nesse diário, são colocadas rapidamente as passagens de uma visita a uma família, de forma que tais registros possibilitem, em momentos posteriores ao trabalho de campo, o lembrar as situações, quando passamos a descrevê-las com mais detalhes e a ligá-las a outros fatos. Esse trabalho de montagem convencionou-se chamar de Cadernos de Campo, como um produto final de um dia de trabalho de campo no qual todo grupo

participa e discute do planejamento à coleta das informações. Conforme expresso em Whitaker (2002) e em Ferrante (2004), além de outros artigos publicados na revista Retratos de Assentamentos, na trajetória de pesquisa do NUPEDOR essa técnica sempre foi priorizada para a coleta de informações.

O trabalho também foi enriquecido com informações coletadas nos questionários do projeto entre o INCRA e UNIARA⁴. Os questionários foram estruturados em 5 eixos compatibilizando questões quanti-qualitativas organizadas, que são: cidadania, produção, renda, políticas públicas e ambiental.

Todas estas dimensões foram levantadas para contemplar vários aspectos que subsidiam a análise de como os assentamentos estão inseridos no desenvolvimento regional e como as políticas públicas, especialmente do INCRA/SP, podem alterar com ganhos qualitativos, o processo de desenvolvimento dos assentamentos. Com o objetivo principal de analisar temporalmente as políticas públicas e a relação com o desenvolvimento local e regional.

Os resultados dos questionários foram utilizados para complementar os dados da dissertação, principalmente nas referentes à divisão sexual do trabalho agrícola e não-agrícola e à participação das mulheres no autoconsumo.

O espaço investigado: lugares das mulheres

O estudo publicado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (BRASIL, 2006) constatou que a questão do trabalho feminino em atividades agropecuárias, é repleto de invisibilidades. A invisibilidade do trabalho feminino se expressa inicialmente no fato das mulheres trabalharem sem remuneração. Cerca de 40% das mulheres que trabalhavam em atividades agropecuárias não usufruíram do *status* de trabalhadoras, porque têm jornada de trabalho inferior a 15 horas semanais e/ou são ocupadas nas atividades de autoconsumo, porque não declaram as horas dedicadas, por exemplo, aos cuidados com a criação, com a fruticultura/horticultura (essas duas categorias não contavam como trabalho propriamente dito pelo PNAD/IBGE). Suas atividades agropecuárias e não agropecuárias

⁴O NUPEDOR/ Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/ Uniara depois de um processo licitatório com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), passou a desenvolver em 2011 um projeto de pesquisa: "Diagnóstico regional com o objetivo de identificar as vocações e as potencialidades das regiões e dos sistemas produtivos nas quais os projetos de assentamentos e quilombolas estão inseridos". Esse projeto tem a abrangência o Estado de São Paulo e contou com uma equipe multidisciplinar para a pesquisa, capacitação e informação.

são ligadas à reprodução familiar e não geram rendimentos quantificáveis monetariamente, ou seja, são como uma extensão de seu papel como mãe/esposa/dona de casa, que é considerado como sendo verdadeiramente o trabalho da mulher e esse entendimento também acontece no meio rural. Mesmo que exerça tais atividades, há uma tendência de que sua jornada de trabalho em atividades agropecuárias seja reduzida ou secundária. Depois de suas obrigações domésticas ela ajuda ao homem. Nesse ponto, a invisibilidade pode se dar pela interiorização da diferença pela mulher rural. Ela tem dificuldade em distinguir seus trabalhos agropecuários na horta e no quintal do seu cotidiano como dona de casa e mãe. Assim, ela mesma subestima sua jornada de trabalho em atividades agropecuárias.

Mas, é fundamental reconhecer a identidade feminina, o direito e o prazer de gestar e amamentar e suas condições biológicas específicas, não como fatores de discriminação e exclusão, mas como condições essenciais, que devem ser respeitadas pelo mundo do trabalho (BRITO, D'ACRI, 2010). Pois vale ressaltar a importância da mulher, desde suas características fisiológicas, sua importância na composição familiar e no gerenciamento da alimentação familiar.

Caracterizando a região

A região de Araraquara tem forte presença de complexos agroindustriais. Predominam os plantios de commodities agrícolas, principalmente cana-de-açúcar e laranja, em monoculturas e com grande aporte tecnológico. Como consequência, estes são os cultivos da maioria dos proprietários de médias e pequenas propriedades da região têm como principal alternativa produtiva, na condição de fornecedores de matéria-prima. A divisão em regiões utilizada pela pesquisa INCRA/UNIARA não obedeceu a critérios político-administrativos de regionalização, mas foi feita a partir da densidade da presença de escritórios regionais do INCRA nos territórios, dos sujeitos e mediações.

A região central do Estado caracteriza-se pelo alto desenvolvimento e dinamismo do agronegócio com empresas sucroalcooleiras e madeireiras. Por cobrir uma vasta extensão territorial, é possível subdividi-la em microrregiões, de forma a melhor compreender a área rural, perfil econômico e potencialidades. Desta forma dizemos que tal região contempla assentamentos sob a gestão do INCRA nas áreas de Araraquara, São Carlos e Descalvado; Ribeirão Preto; Iaras e Piratininga; Colômbia. Sendo que as microrregiões de Ribeirão Preto e Araraquara são tratadas como a Califórnia Brasileira.

No caso do município de Araraquara, podemos construir a paisagem agrícola como tomada pelas grandes extensões de terras ocupadas por culturas de

exportação, fundamentalmente pela cana-de-açúcar e a laranja. A área total ocupada pela cana-de-açúcar, segundo dados do LUPA (Levantamento de Unidades Produtivas Agrícolas) de 2008, chega a cerca de 49 mil ha e 6 mil ha para a laranja, dentro de uma área agrícola de cerca de 90 mil ha. A significativa presença de culturas típicas ligadas ao agronegócio caracteriza a estrutura fundiária da região da alta Mogiana como sendo bastante concentrado, o que se confronta com o universo das pequenas propriedades no município de Araraquara.

Estão dentro deste recorte das pequenas propriedades, produtores localizados nos bairros rurais e nos assentamentos, destacando-se o segundo grupo que tem um papel importantíssimo nas estratégias de fornecimento de produtos naturais e diversificados para o município e programas de segurança alimentar. A produção agrícola familiar que abastece maior parte de Araraquara provém, portanto, principalmente, dos agricultores familiares assentados, em sua maioria, altamente descapitalizados e carentes de apoio institucional.

As terras da fazenda Monte Alegre, município de Araraquara/SP, que foram desapropriadas para fins de reforma agrária, vinham sendo usadas para plantio intensivo de eucalipto, primeiramente pela FEPASA e, depois, pela CAIC (Companhia Agrícola Imobiliária e Colonizadora), esta última destinando a produção para o setor de papel e celulose, que teve suas terras ocupadas em junho de 1985. A referida fazenda foi reivindicada pelo movimento social de luta pela terra, com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais à frente dos trabalhadores volantes que vinham sofrendo com a precarização das condições de vida e de trabalho em colheitas na região (FERRANTE, BARONE, 2008) e lograram, a muito custo, seu objetivo, rompendo uma trajetória de destituição.

O assentamento foi, por fim, criado sob a responsabilidade da Fundação ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo). A área foi dividida em centenas de lotes que passaram a ser ocupados pelas famílias e conta com seis núcleos de assentamentos, um horto (Silvânia) e, ainda, com um assentamento muito próximo a ele, no distrito de Bueno de Andrada. São 416 famílias que vivem nestes núcleos, mas cada qual foi criado em diferentes datas. Cada família possui um lote agrícola de aproximadamente 14 hectares e outro lote de moradia, localizado nas agrovilas, com menos de 1 ha⁵.

Os primeiros núcleos de assentamentos (Monte Alegre I, II, III e IV) foram instalados pelo ITESP nos anos de 1985 e 1986, ainda na gestão do governador

⁵Com exceção do núcleo 6 (o maior deles), onde não há agrovila.

Franco Montoro (1983-1986), tendo sua instalação se completado quase dez anos depois. Hoje o assentamento Monte Alegre conta com 6 núcleos, perfazendo um total de 416 lotes agrícolas. São 418 famílias que ali residem, segundo dados da Fundação ITESP.

No assentamento Monte Alegre, as mulheres são, em 17,5% dos casos, titulares dos lotes, tendo, neste caso, em média, 58 anos de idade. O número de mulheres que acessaram o Pronaf é mínimo (FERRANTE, DUVAL, 2009). Informação esta que ressalta o quanto as ações das mulheres deste assentamento ainda se mostram na invisibilidade.

Nas questões de infraestruturas, o assentamento possui escola desde a creche, ensino fundamental e médio. Possui um posto de atendimento médico, sendo que o atendimento acontece uma vez por semana com agendamento prévio e para as reuniões dos assentados possuem um salão.

Papéis das mulheres assentadas: expressões diferenciadas

No trabalho e nos conhecimentos herdados, o despertar de um protagonismo

Na pesquisa observa-se que as próprias mulheres, muitas vezes, subestimam sua jornada de trabalho. Mas, o rompimento da invisibilidade do trabalho agrícola vem sendo destacado por iniciativas individuais e coletivas. As perspectivas de diversificação agrícola e agroindustrial vêm se apresentando sob a forma de embriões de um rumo diversificado de desenvolvimento, nos quais as relações de gênero têm peso decisivo.

Um resultado encontrado foi o desenvolvimento de associação de mulheres para a produção de pães. Na verdade, no interior deste trabalho destaca-se o protagonismo da AMA (Associação de Mulheres Assentadas) no aspecto da produção e reprodução social e no papel de circulação das idéias e perspectivas de protagonismo. Até o ano de 2001, as mulheres do núcleo VI do assentamento Monte Alegre utilizavam a cozinha comunitária da escola do assentamento para produzir e comercializar pães, com equipamentos próprios e, em geral, matérias-primas compradas de fora. Com participações em fóruns do Orçamento Participativo e principalmente discussões de prioridades e soluções de geração de trabalho e renda para os assentamentos, constatou-se que, no ano de 2002, a prioridade sugerida pelo grupo de mulheres do núcleo VI do assentamento Monte Alegre foi atendida: aquisição de equipamentos para a construção de uma padaria industrial neste núcleo.

A Associação de Mulheres Assentadas do Monte Alegre VI (AMA) é constituída por 11 associadas, todas pagam uma mensalidade de R\$ 10,00 e parecem caminhar, regulando cada passo, em um processo lento, mas em contínua mudança.



Figura 1 – Padaria no Monte Alegre.

Fonte: NUPEDOR, 2010.



Figura 2 – Cozinha da padaria.

Fonte: NUPEDOR, 2010.

Esta experiência destaca-se pelas grandes conquistas, levando ao rompimento da invisibilidade feminina. Como pode-se analisar com as trajetórias de vida de algumas dessas mulheres assentadas. A Dona Maria foi uma das primeiras a se juntar para formar a associação, ao contar sua história refere-se ao falecido marido com um sentimento de superação, revela:

Fomos (mulheres assentadas da associação) muito criticadas aqui no assentamento porque queríamos um espaço para nós e era tanto homem quanto mulher, ninguém acreditava. Quando a gente ia fazer reunião, falavam: o que essa mulheres vão fazer ai, estão largando tudo (referindo-se aos trabalhos domésticos) pra ficar indo atrás disso? Ninguém acreditava, falavam que essas mulheres são todas bestas.

O momento ao qual a assentada sentiu-se realizada:

O dia que eu recebi o meu primeiro pagamento (renda mensal da padaria) ele (falecido marido) estava sentado, nossa, minha filha (expressão à pesquisadora), eu estava tão contente que ele chegou até levantar e sair de perto de mim, porque ele mesmo não acreditava. Inclusive ele morreu em

agosto, e a padaria foi inaugurada em dezembro, eu queria que ele estivesse vivo para ver com os próprios olhos dele a padaria, porque ele mesmo não acreditava, ele me maltratava muito. Ele (o falecido marido) dizia que eu não era capacitada, que eu não tinha capacidade para isso, falava que a gente não tinha pique. Ele fazia isso porque não queria que trabalhasse, porque é coisa do homem, todo homem é assim, eles querem que a gente viva de baixo dos pés deles, pra que você não de um salto.

Muitas mulheres buscam iniciativas de complementação da renda, mas pode-se notar o sucesso maior com a junção de forças, o associativismo e o cooperativismo. A Dona Maria ainda conta das suas dificuldades iniciais:

Eu fui atrás de formar a associação porque eu precisava de uma renda a mais, naquele tempo era meu marido que ficava com as coisas, com dinheiro do lote e também ele era aposentado, mas ele não dava dinheiro pra gente. Mas eu tinha uma minha rendinha da feira, porque eu tinha a minha horta de verdura e outras coisas que eu plantava no lote que eu vendia, mas era muito pouco e eu tinha que colocar mais coisa em casa, e pagar uma energia.

As ações, embora direcionadas mais às mulheres já organizadas em associações (como uma padaria no assentamento Monte Alegre), envolvem outras que também querem se juntar em pequenos grupos voltados à agroindustrialização. Na padaria foram feitas análises dos produtos e montadas tabelas nutricionais, balanceamento e melhoramento de receitas e procedimentos para se obter um rótulo para facilitar a comercialização desses produtos. Essa atividade foi desenvolvida em conjunto com a coordenação dos cursos de Nutrição e de Propaganda e Marketing da UNIARA.

O NUPEDOR promoveu cursos de capacitação de produção de açúcar mascavo, rapadura e melado, em conjunto com a UFSCar, Campus de Araras, no decorrer do qual vieram à tona conhecimentos e expressões do *habitus* dos assentados. Também a mediação na promoção do curso, Aspectos microbiológicos no manuseio de alimentos, junto ao curso de Nutrição da UNIARA. As assentadas que participaram dos cursos solicitaram outro, sobre técnicas de compotas e conservas, que também foi realizado na cozinha experimental da UNIARA, no mês de junho de 2010.

Em 07/08/2010 foi realizado o curso sobre formação de preços e contabilidade, direcionado especificamente para os grupos de mulheres já

constituído no assentamento Monte Alegre e outros dois grupos em formação no assentamento Bela Vista do Chibarro.

Os últimos cursos articulados com as mulheres foram na Secretaria Municipal de Agricultura, do município de São Carlos. O primeiro deles, Técnicas de Desidratação de Frutas, Hortaliças, Ervas, foi realizado em 21/08/2010 e o curso Produção de Biscoitos e Barras de Cereais, que foi no dia 28/08/2010. Pretende-se analisar as conseqüências destes investimentos em capacitação no processo de (re) educação, profissionalização das mulheres.



Figura 3 – Curso de compotas e conservas.

Fonte: NUPEDOR, 2010.



Figura 4 – Curso de desidratação de alimentos.

Fonte: NUPEDOR, 2010.

Os cursos vêm para somar as produções já realizadas pelas mulheres, ou seja, são práticas antigas das famílias, que vêm sendo reproduzidas há muitas gerações em seu interior, o conhecimento tradicional. Portanto, conta a experiência acumulada em produzir determinados alimentos que são consumidos em esfera alimentar e, dependendo de sua especialização, podem também passar a fazer parte do rol de produtos que são comercializados. O interessante desta produção diversificada é que sua comercialização, muitas vezes, se dá nos próprios limites do assentamento, para vizinhos, parentes e grupos de afinidade. A partir do que se planta para autoconsumo no interior do lote familiar pode-se vislumbrar alternativas de geração de renda.

Também produtos típicos de um certo nível de "agroindústria de beneficiamento familiar" entram nesse circuito, como nos casos das mulheres que produzem pães, bolos e doces, experiência que tem sido irradiada pelo Estado. A prática

de produzir pães caseiros, bolos e doces em compota, assim como outros produtos beneficiados é algo típico de famílias rurais em todo o Brasil, tendo, muitas vezes, as mulheres como principais protagonistas dessa produção - razão pela qual se faz necessária pesquisar com acuidade essa participação feminina na produção beneficiada.

A pesquisa do INCRA/UNIARA, ressaltou que a presença de agroindústrias é pouco frequente na região de Araraquara, apenas 15 assentados disseram que têm. Nos casos existentes, predominam os laticínios (refere-se ao beneficiamento do leite), com boa margem de vantagem sobre a fabricação de outros produtos alimentícios. Entretanto, vale salientar que as mulheres têm sido, em maioria, as protagonistas das agroindústrias (em 60% dos casos), especialmente da produção de alimentos, o que reforça seu papel nas perspectivas de garantir segurança alimentar de sua família e do entorno.

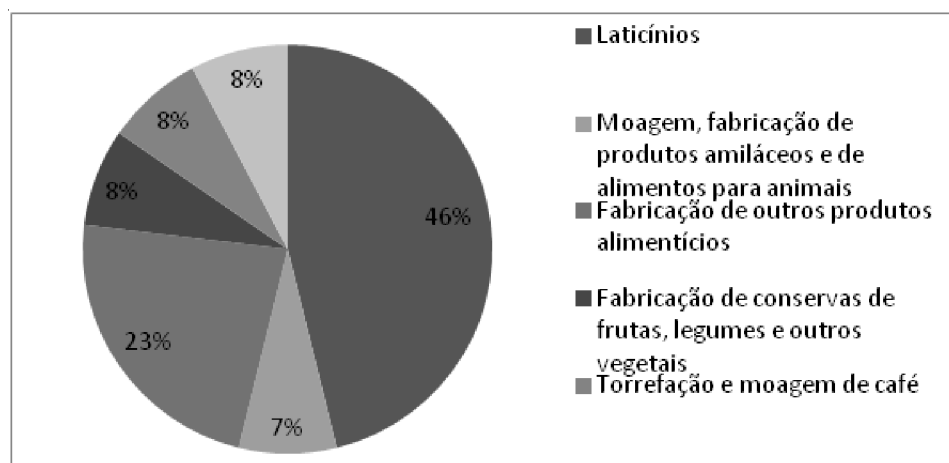


Gráfico 1 – Produtos agroindústria, região central (Araraquara).

Fonte: Pesquisa INCRA/UNIARA, 2011.

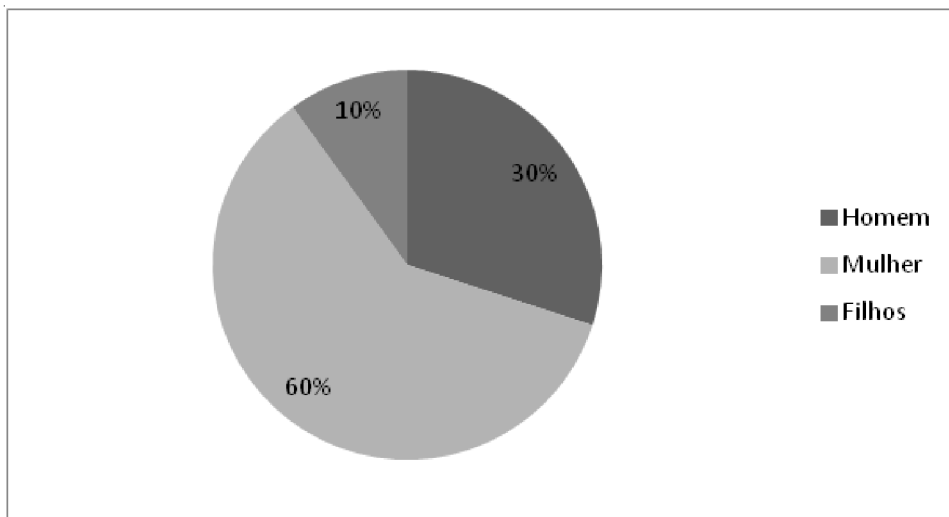


Gráfico 2 – Quem faz – Agroindústria, região central (Araraquara).
Fonte: Pesquisa INCRA/UNIARA, 2011.

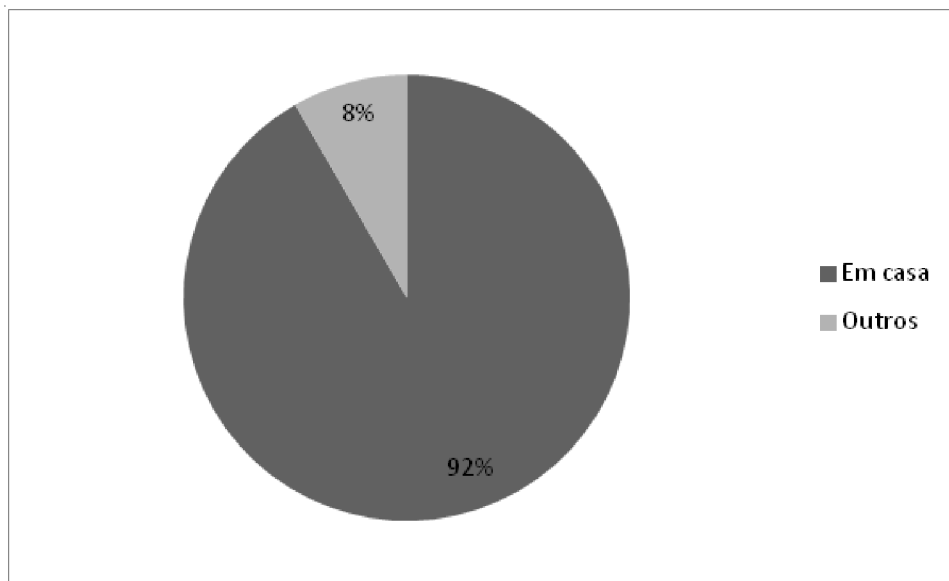


Gráfico 3 – Onde produz – Agroindústria, região central (Araraquara).
Fonte: Pesquisa INCRA/UNIARA, 2011.

A produção é basicamente artesanal e se dá no espaço da casa (gráfico 3), o que é explicável pela própria dificuldade de se ter outros espaços mais sofisticados para a agroindustrialização e pela perspectiva das mulheres associarem esta produção a outras tarefas domésticas pelas quais se responsabilizam.

No autoconsumo e na diversificação agrícola: o que dizem os dados

Apesar dos elementos do protagonismo destacam-se a permanência de estereótipos que caracterizam o lugar (inferior) da mulher na sociedade, inclusive no meio rural; as mulheres rurais continuam trabalhando em atividades agropecuárias, na forma de trabalho sem remuneração ou plantando, colhendo e cuidando de pequenos animais para o autoconsumo familiar, além de outras atividades desenvolvidas fora do lote. Portanto a segurança alimentar está inteiramente ligada com as mulheres, pois são elas as responsáveis por todo o ciclo da alimentação, da preparação inicial ao colorido dos pratos.

Em pesquisa⁶ realizada podem-se analisar a segurança alimentar atrelada com a questão de gênero, ressaltando assim os papéis envolvidos e a sua importância. Pois a fome e desnutrição são as manifestações mais cruéis da situação de insegurança alimentar, e a incapacidade de acesso aos alimentos é a sua principal causa, outros aspectos devem também ser considerados, de maneira a identificar as condições necessárias para que prevaleçam melhores condições alimentares.

Segurança alimentar é a realização do direito de todos ao acesso a alimentos de qualidade, os valores e quantidades nutricionais em quantidade suficiente e que respeitem a diversidade de produção material, bem como cultural.

A quantidade é importante, mas não se pode esquecer o enfoque necessário à qualidade dos alimentos e sua sanidade. Ou seja, todos devem ter acesso a alimentos de boa qualidade nutricional e que sejam isentos de componentes químicos que possam prejudicar a saúde humana. Portanto controlar o desbalanceamento nutricional das dietas alimentares, bem como o envenenamento dos alimentos, em nome de uma maior produtividade agrícola é o que se tem mostrado nos quintais dos assentamentos.

⁶Pesquisa "Perfil socioeconômico e sócio-demográfico das famílias beneficiárias das políticas públicas: Plano Nacional de Crédito Fundiário e Programa de Assentamentos Rurais de Reforma Agrária" da Universidade Federal de Goiás - Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos Programa De Mestrado em Agronegócios, coordenado pelo Prof Dr. Luiz Manoel de Moraes Camargo Almeida.

As mulheres são as responsáveis pelos afazeres domésticos e dos quintais, bem como por manter a diversidade do lote e o "colorido" dos pratos nas refeições. E os homens ficam responsáveis pelas grandes culturas.

Na pesquisa observa-se que a presença da mulher está mais ligada com as atividades de autoconsumo e com a venda do excedente, ficando na incumbência do homem as fases da grande produção. A diversificação está intimamente ligada com a segurança alimentar, assim podemos associá-la com as atividades femininas. As mulheres assentadas ficam com a responsabilidade em manter o maior número de alimentos na mesa, e não menos importantes fazem com que o excedente seja vendido, gerando, assim, mais renda para a família.

O gráfico abaixo relata a presença igualitária das mulheres na horticultura, mas há que se levar em consideração que as entrevistas realizadas pelo INCRA/UNIARA foram em 65% dos casos feitos com homens, resultado que pode ter interferido nos resultados, pois muitas vezes, é menosprezado o trabalho feminino face ao homem.

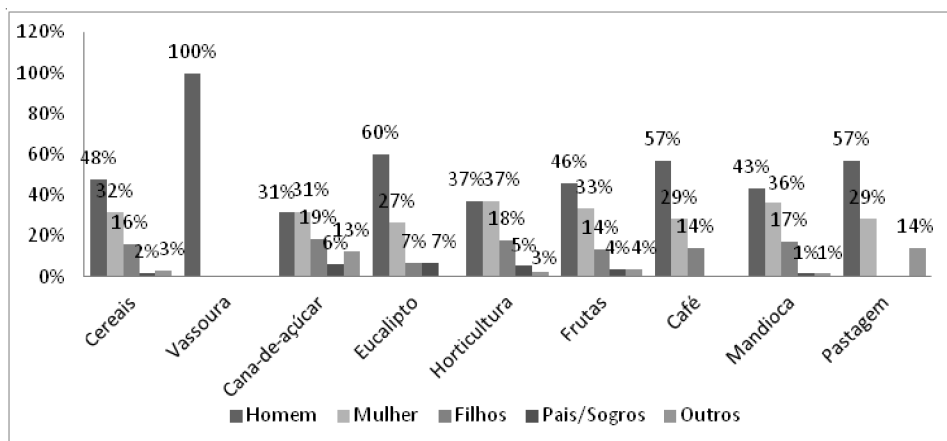


Gráfico 4 – Responsável pela cultura – Região Central (Araraquara).

Fonte: Pesquisa INCRA/NUPEDOR - 2011.

Os homens por reproduzirem valores baseados na sociedade patriarcal, omitem ou simplesmente não levam em consideração o trabalho da mulher nas cadeias produtivas. Geralmente, a consideração pela principal atividade que gera lucro nos assentamentos é designada ao homem. Juntando os fatores de quem respondeu o questionário e o fato da principal atividade ser de 'responsabilidade'

do homem, é possível confirmar que parte do trabalho da mulher na cadeia produtiva, por exemplo, na lida com gado leiteiro esteja omitida, ou não totalmente desvendada.

As mulheres assentadas são muito importantes para a constituição familiar, bem como na participação no trabalho no lote. Em análise a alguns dados da pesquisa INCRA/UNIARA pode-se notar a participação ativa das mulheres nas atividades agropecuárias, mas principalmente e tomando como referencia as pequenas criações de animais.

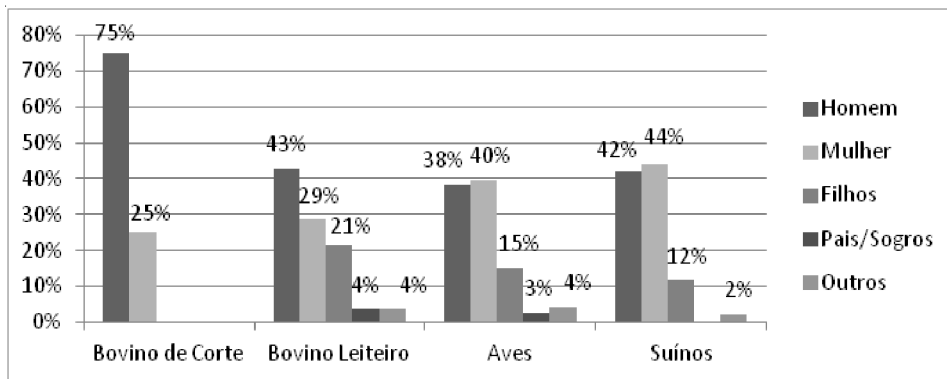


Gráfico 5 – Quem cuida da criação, região central (Araraquara).

Fonte: Pesquisa INCRA/UNIARA, 2011.

As pequenas criações que ficam próximas à casa são criadas de forma extensiva, ou seja, solta, ofertando assim aos animais o bem estar. Neste manejo há o reaproveitamento dos alimentos, pois a sobra da alimentação da família se transforma em lavagem para os porcos e alimentos para as galinhas, além de se transformar em adubo para as plantas. Além de aproveitar o resto de alimento, cria-se um circuito de reaproveitamento, a sobra da comida vai para as galinhas, que gerará carne, ovo e esterco para a horta, tudo se aproveita e nada se perde.

Reações contrárias às parcerias: o que revelam as representações das mulheres

Relacionado à produção e à qualidade e quantidade dos alimentos, constatou-se que os contratos ilegais entre os assentados e usinas de açúcar têm sido motivo de preocupação das mulheres. Em análise a alguns depoimentos, pode-se observar a negação das mulheres em se produzir cana-de-açúcar com o

caráter de arrendamento, o que vem afirmar a preocupação delas em produções de culturas e manejos de monoculturas e do alto consumo de agrotóxico. Mas a mulher ainda não tem, em sua grande maioria, poder de decidir o que será cultivado em seu lote.

No meu lote hoje tem cana, mas não foi eu que plantei não, foi meu finado marido, eu sou doida pra acabar tudo aquilo no meu lote. Porque quando eu estava trabalhando na cozinha (local que antecede a padaria) e ele fez o contrato com a usina sem eu saber e ainda no nome dele.

Eu sou contra a cana, ela não foi feita para assentado, o assentado tem direto ao lote pra viver de outra agricultura, da agricultura familiar não cana, eu falei pra ele (falecido marido), mas ele achava que era bom (Assentada do Monte Alegre – Dona Maria de Lurdes).

Ele (marido) participou da reunião para o plantio da cana, eu disse como que vamos colocar cana se temos que colocar o gado, mas ele assinou a papelada... mesmo porque quando viemos era para o assentamento era para trabalharmos com gado de leite... Ai eu fui e procurei o sindicato, pois eles sempre foram contra o plantio da cana, ai eles disseram que não tinha problema cancelar, que era só não plantar... a cana (agroindustrial) não faz parte da agricultura familiar"(Assentada do Monte Alegre – Jiseli).

Portanto, em análise em campo, completando o depoimento pode-se observar que são as mulheres detentoras e disseminadoras dos conhecimentos tradicionais, bem como procuram realizar uma agricultura mais "limpa", ou seja, com menos utilização de insumos químicos e principalmente agrotóxico. Além disso, as mulheres trabalham com a utilização de recursos do seu próprio lote.

Um pé de capim pra mim vale ouro, o que pra muitos aí é praga, pra mim é ouro. Se eu não tiver ração pra dar para os porcos e eu tiver capim, eu jogo lá pra eles (porcos), e eles comem que nem gado. Esses tempos atrás estavam todo mundo correndo atrás de procurar capim, e ninguém tinha capim, os pastos tudo morto. O que eu fazia, eu ia ali em baixo (aponta para o pasto), pode ver que esta quase sem capim, eu ia arrancava umas moitas de braquiária e braquiarão que eu tinha ali, tinha também aquela grama humidícula... eu arrancava aquelas moitas e jogava para os porcos, e eles comiam e ficavam satisfeitos. Depois tinha ali em cima um mato ali todo amarelo, mas estava grandão, eu peguei de uma roçada nele por cima e

começou a vir a brotação nova aí eu arrancava aquela soqueira de brotação nova, e jogava para os porcos também. Também dava certo. (Assentada do Monte Alegre – D. Anézia).

Perfil das protagonistas: alguns retratos e fragmentos de vida

Dona Maria de Lourdes – uma das pioneiras da resistência

Titular do lote, viúva por duas vezes, hoje está dividindo o lote com um novo marido, também assentado. O seu lote está com os filhos, mas D. Maria está pensando em se separar do marido para voltar ao seu lote, pois o ITESP a tem pressionado devido a sua saída por caracterizar abandono da propriedade e teme em passar o lote para um dos filhos, pois sabe que correrá risco que eles venham colocar os demais para fora.

Dona Maria morava no Paraná com o marido e os 8 filhos. O seu marido a privava de tudo. Como ela mesma relata "eu não tinha direito de ir ao mercado, eu não tinha direito de ir pra canto nenhum, eu não saía de casa, era só cuidar de filho e grávida. Era um filho seguido do outro, ele só queria me ver barriguda. A minha saída era da casa para o hospital e do hospital pra casa, nem na igreja ele quase não deixava a gente ir (refere-se a ela e os filhos)".

A sua trajetória para o assentamento começou quando o seu finado marido quis ir pra São Carlos, Dona Maria mesmo contrariada acabou tendo que ir. Mas assim que chegou foi atrás de creche, para colocar as crianças menores e os mais velhos na escola integral. Logo buscou sua independência trabalhando de empregada doméstica, mas seu marido resolveu lutar por um pedaço de terra no Assentamento Monte Alegre, assim totalizando 19 anos de assentada. A assentada trabalha pesado no lote, pois tem as vacas leiteiras as quais geram renda e ainda ajuda os filhos. Seus filhos trabalham no lote, mas suas filhas trabalham de domésticas na cidade, mas todos não abrem mão do lote, todos querem permanecer no assentamento.

Dona Maria não tem escolaridade, é semianalfabeta, pois sabe apenas assinar seu nome, mas nunca fez disto um limitante em sua vida. Hoje ela trabalha na AMA (associação de mulheres assentadas) do assentamento Monte Alegre desde sua primeira formação. A assentada acompanhou várias transformações na AMA, passou por muitas dificuldades mas transformou-as em vitórias. É a mais antiga da associação.



Figura 5 – Dona Maria apresentando seu lote.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Jiseli – A nova geração de empreendedora

Casada, e não titular do lote. Veio da Bahia faz 23 anos, tem três filhos, mas atualmente todos casados e não moram com ela. Os irmãos de Jiseli residiam em Motuca-SP, justificando a vinda para o Estado de São Paulo, assim eles arrumaram uma fazenda para ela e o marido trabalharem. O marido foi trabalhar com vacas de leite, e ela foi trabalhar na casa da fazenda. Mas com a falência do fazendeiro realizaram a mudança para outra na qual permaneceram por 10 anos até quando Jiseli adoeceu-se de exaustão.

Um amigo assentado da família disse a eles "eu moro no assentamento faz muitos anos, e se vocês quiserem comprar uma terra lá, vocês entrem em contato no ITESP". Após o contato com a entidade foi assentada em 2005.

Quando chegou ao assentamento relatou estar muito cansada, pedindo ao marido um ano de descanso. Diz a assentada "*não fiz nada, não ajudava ele (marido) em nada, eu precisava deste tempo para descansar, mas foi aí que veio a realidade*". Nos primeiros anos passaram por muitas dificuldades, pois não tinham conhecimento algum sobre administração. Assim o descanso não durou muito Jiseli começou a fazer pão pra vender.

No assentamento Monte Alegre já existia um grupo de mulheres iniciando-se com a padaria, Nice (presidente da associação na época) convidou-a para participar, mas a assentada recusou, ressalta Jiseli *"quando eu vim para cá (assentamento) eu vim decidida a não trabalhar para mais ninguém, eu queria ficar com o meu marido trabalhando"*.

A padaria da associação de mulheres foi inaugurada dia 13 de dezembro de 2008. Em abril as mulheres foram à procura da Jiseli, pois elas estavam sobrecarregadas e necessitavam de ajuda, assim Jiseli aceita e passa a fazer parte da associação *"eu poderia dizer não, mas como aqui em casa as coisas também não estava muito fácil eu fui"* diz a assentada.

A associação ganhou uma empreendedora, pois por sua trajetória de vida ela sempre teve uma visão de aproveitar as oportunidades sem medo. A padaria nunca tinha tido nenhum tipo de contabilidade, mas hoje ela tem feito curso para realizar da melhor forma possível. E ainda, a AMA realizava compras de mercadorias nos supermercados da região, mas ela inquieta, fez com que conseguissem comprar diretamente do fornecedor, barateando o custo.

Em sua casa faz todos os afazeres domésticos e também faz o processamento do leite em queijo e requeijão. Ela não para.



Figura 6 – Jiseli mostrando seu lote com mais de 27 variedades de árvores frutíferas.

Fonte: Arquivo pesquisadora, 2011.

Dona Anésia – O desafio de ser uma produtora familiar

Titular do lote, viúva. Mulher guerreira e batalhadora. Em síntese esta frase dita por ela representa o seu vigor e luta.

"Eu estou fazendo uma coisa que eu gosto (o cuidar da criação), não estou fazendo pra visar lucro, se eu falar que estou eu estarei mentindo, porque se eu pegar as notas de ração e pegar o preço do porco na cidade você vai ver que não tenho lucro. Eu faço porque já estou com 60 e tantos anos nas costas, 66, e é uma idade que se você deixar a mente dormir, aparece mil e uma doença. Então eu quero me precaver". Dona Anésia.

Sua trajetória começa no Paraná no ano de 1976, onde lecionava na área rural para as crianças. A propriedade em que se encontrava a escola começou a ser desapropriado para a reforma agrária, assim aproveitou para se inscrever no INCRA, mas não foi chamada, resolveu então ir para o interior de São Paulo.

Quando chegou à Taquaritinga, foi trabalhar em fábrica e depois em serviços agrícolas como: colher laranja, cortar cana-de-açúcar "*eu nunca passei necessidade porque eu nunca tive preguiça*", diz a assentada.

Na usina onde trabalhava a contratação não era direta e sim por um atravessador conhecido como "gato". O gato anunciou para todos, incredivelmente, que o ITESP estava fazendo inscrição para a reforma agrária relata D. Anésia. Assim, logo ela e seu marido entraram no lote e ele por ser aposentado fez com que a titularidade automaticamente fosse para Dona Anésia. Mas logo seu marido veio a falecer.

A assentada não tem preguiça para nada, é uma disposição invejável. É ela quem cuida das galinhas, dos porcos (que não são poucos), do pomar e de todo o planejamento do lote. Suas filhas e o genro auxiliam na produção, mas tudo sobre o comando de D. Anésia. Construiu uma casa grande na qual tem muito orgulho.

Os seus conhecimentos não são poucos, sabe desde sistemas produtivos até remédios caseiros, logo passou a me receitar chás para gripe. A D. Anésia é uma senhora muito simples, com pouca vaidade e de traços masculinizados, por ocupar, muitas vezes lugar de um homem.



Figura 7 – D. Anésia alimentando sua criação de galinhas caipiras.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Dona Maria – Uma liderança política

Casada, mas viúva do primeiro marido com o qual teve duas filhas. Não é a titular do lote. Sua trajetória de vida é marcada por muitas lutas, trabalhou em serviços rurais como na colheita da cana, da laranja "*não foi fácil não, foi uma vida muito sofrida*", passou por muitas dificuldades.

"Muitas vezes eu ia trabalhar e não tinha nem alimento para colocar na minha marmita, para as colegas de serviço não perceber que eu estava sem alimento dentro da marmita, eu colocava pedra dentro dela, e quando era corte de cana eu chupava cana queimada, chegava em casa e aquilo fazia mal para o intestino. Na colheita da laranja, eu chupava laranja para que todo o alimento que eu tinha em casa ficar para as minhas filhas" Dona Maria.

Ela quem fez a cadastro no ITESP e com a venda de uma casa na cidade, comprou as benfeitorias de um lote, já são 9 anos de assentada. Diz com muito orgulho "*eu te garanto que hoje eu tenho uma vida melhor, aqui no assentamento, pois durmo melhor, me alimento melhor, tenho boas amizades não tenho inimizades com ninguém*".

D. Maria é uma mulher muito bem articulada, que se faz ser ouvida. Nas

reuniões do assentamento ela não passa vontade, fala tudo o que pensa e o que acredita. Casada pela segunda vez com marido muito compreensivo, pois esta mulher gosta de tudo muito de seu jeito, mas como elas mesma disse "eu o deixo achar que manda as vezes, só para não se achar menos homem... mas quem manda aqui sou eu".



Figura 8 – A assentada mostrando a horta.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Considerações finais

A pesquisa constatou que as mulheres cuidam da reprodução da família e participam das atividades agrícolas de pequeno porte, geralmente associadas ao abastecimento alimentar. Atividades secundárias a elas são do tipo mão-de-obra reserva para atividades que demandam mais trabalho na roça, como nas colheitas e plantios. Desse ponto de vista, as relações de gênero adquirem hierarquias de poder que refletem a estrutura social "convencional", na qual o homem está sempre em posição superior à da mulher, reproduzindo assim uma situação de violência simbólica⁷.

⁷Para Bourdieu (1989), a violência simbólica é violência econômica. O trabalho rural familiar ►►

Esta atribuição de papéis, exigências e expectativas são sociais e não biológicas, por isso podem variar no tempo e no espaço. Então, ainda conforme Brumer (2005), os assentamentos de reforma agrária são locais privilegiados para o estudo de gênero, porque a construção desse espaço social tem por base a mudança de condições sociais. Com as novas exigências da modernidade, cresce a necessidade da mulher rural ter outras ocupações para obter renda, então passam a cortar cana nos locais onde antes faziam agricultura de subsistência e extrativismo, passam a fazer faxina e ter outras ocupações nas cidades, ao invés de cuidar de suas próprias casas, de igual modo, elas passam a beneficiar produtos no interior da propriedade para vendê-los. Se a mulher não trabalha para obter dinheiro, sua reputação é cada vez pior (WOORTMANM, 1993). E a rede do consumo exacerbado também permeia o meio rural, pois onde antes se comprava o pano para fazer a roupa da família hoje se compra em grandes magazines.

Essa situação explica, talvez, o número significativo e crescente de mulheres que trabalham como assalariadas fora do assentamento. O fato de desenvolverem atividades destinadas a complementar a renda agrícola parece compatível com a concepção de que sua função produtiva vai subsidiar, ajudar. Em algumas situações, se assalariam como forma de aumentar a renda e o investimento no lote, em outras, aparece claramente à vontade de se livrar das formas, mais ou menos dissimuladas, da violência de gênero.

Reiterando, temos a questão da invisibilidade do trabalho feminino expressa no trabalho desempenhado pela mulher no interior do lote. Tanto na esfera do domicílio, o cuidado da casa, dos filhos, da horta e a "ajuda" prestada ao marido. O atributo negativo imposto ao trabalho feminino é interpretado por alguns autores (MEDEIROS, 2008) pelo fato de ser este um trabalho reprodutivo. É um trabalho repetitivo, feito à mesma maneira todos os dias sem nunca chegar ao produto final da tarefa. Ao contrário do trabalho produtivo realizado pelo homem, cuja etapa final produzirá algum rendimento que garantirá a prosperidade da família.

As decisões sobre produção coletiva, sobre o que plantar, não passaram, como já afirmado em outros trabalhos (FERRANTE, 1992), pelos assentados, muito menos, pelas mulheres. Entretanto, nas decisões de reinvenção do processo

►► exercido pelas mulheres não é tão reconhecido porque é reprodutivo, enquanto do homem é produtivo, ou seja, o papel produtivo do homem se sobressai ao reprodutivo da mulher, porque ele gera renda.

de organização do grupo, na divisão das terras e na rejeição ao primado do coletivo, há expressões da rejeição dos modelos propostos para os assentamentos e da afirmação de sua não passividade. Na divisão por grupos, a tentativa de preservar laços de amizade, vivência anterior e proximidade da região de origem – critérios significativamente influenciados pelas experiências das mulheres – pode ser encarada como uma forma de resistência ou expressão do protagonismo, aliada à rejeição do modelo associativismo proposto ou imposto pelo Estado. Excluídas em sua grande maioria da elaboração do projeto produtivo, encontram espaço na manutenção das redes de sociabilidade.

Podemos dizer que as famílias estão se transformando, as mulheres assumem a gestão de suas famílias e passam a incorporar ao papel tradicional que desempenham outras atribuições, como o trabalho fora de casa. A literatura feminista entende esta mudança no papel da mulher como um viés para a autonomia feminina, que desencadeará uma sociedade igualitária entre homens e mulheres.

É importante pensarmos a transformação das relações de dominação no cotidiano. É um trabalho lento e que necessita de mediações. E aqui os mediadores (FERAESP, a Unicampo, as universidades) são importantes nesta transição de apresentar para homens e mulheres formas de vivência que não estejam arraigadas na dominação do homem sobre sua família.

Mudanças vêm ocorrendo e as mulheres parecem mais participativas nas tomadas de decisões. A expressão dessas mudanças é o fato das mulheres estarem participando da gestão do lote. E este interesse pelo lote, deve-se ao fato da titulação do mesmo sair no nome do casal. No entanto, apesar do discurso de que a mulher também toma as decisões, quem toma a iniciativa e acaba por decidir tudo é o homem, e fica a ela apenas a responsabilidade pela assinatura. Pois para qualquer tomada de decisão de caráter financeiro, como Pronaf, por possuírem uma titularidade conjunta, ambos assinam.

Em pesquisa realizada em assentamentos localizados no Pontal do Paranapanema por Mello, Cappellin e Castro (2008) fala-se da preocupação em individualizar a contribuição das mulheres para o desenvolvimento econômico dos lotes, sendo necessário traçar um novo perfil da agricultura familiar. A contribuição da análise de gênero está no sentido de olhar para a família rural não mais como um conjunto homogêneo, mas sim de tornar a participação da mulher notória em todas as esferas, seja nas atividades domésticas, seja nas atividades públicas e produtivas.

No caso desta pesquisa, as expressões de protagonismo foram ressaltadas

no fato das mulheres assumirem o comando das atividades diversificadas, que geram diversificação. Neste sentido, têm de certa forma, se contraposto aos modelos tracionais que insistem em naturalizar a divisão do trabalho e da vida cotidiana entre homem e mulher. Através do depoimento de D. Maria de Lourdes, Anésia, Jiseli e Maria, desvendam-se estratégias diferenciadas de protagonismo, algumas mais destacadas no aspecto produtivo, outras na capacidade de comando, no assumir a voz política do grupo. Por trás destes estereótipos, aparecem demonstrações da vontade de recomeçar, a busca de compartilhar a vida nas suas lidas, a decisão de firmar associações, de ocupar espaços masculinos como o fórum do orçamento participativo.

Na pesquisa mais recente realizada no âmbito do contrato INCRA/UNIARA, constatamos que ainda que os homens, geralmente os titulares dos lotes, foram os que atenderam e responderam às questões da pesquisa, em maioria, muitos enfatizaram a importância da mulher no lote. Como salientamos, são vários os casos de mulheres que exercem jornadas duplas ou triplas (ou mais) de trabalho, em casa, no lote e fora do lote, como os assentados que possuem hortas em que as mulheres trabalham, saem para comercializar a produção e cuidam da casa e dos filhos. Outras possuem atuação ativa em associações e nas negociações junto às prefeituras e atravessadores.

Expressões de protagonismo não podem ser analisadas, em si mesmas como demonstrações de mudanças nas formas de denominação nos papéis atribuídos às mulheres. Cabe destacar que em alguns casos as mulheres participaram da entrevista para por iniciativa própria, outras vezes os maridos as chamam para responder ou ajudar a responder certas questões, principalmente aquelas que exigiam se lembrar de datas. Outras ainda, quando a conversa com o chefe de família foi na sala de casa, a mulher ficava boa parte da entrevista na cozinha, ouvindo parte da conversa, às vezes completava alguma resposta à distância, enquanto continuava com suas atividades produtivas e reprodutivas. Quer dizer, enquanto o homem parava para atender e responder ao questionário, geralmente a mulher continuava a exercer o trabalho (na casa ou no lote).

Destaca-se ainda que na maioria das ocasiões, na aplicação de questionário foi servido um café, pães e/ ou o que acabara de preparar, pelas mulheres e nunca pelos homens. Eles, além de não servirem o café (pois subentendem que esta função não é sua), solicitam, no meio das conversas, que as esposas parem o que estavam fazendo para preparar o café. A invisibilidade se faz presente até mesmo nos detalhes. Algumas mulheres quando tentam sair desde ciclo, utilizam como estratégia (involuntária muitas vezes) de protagonismo a masculinização

para serem aceitas na roda dos homens, expressa na forma de se vestir, na postura e na voz de comando.

O papel da mulher nos dias atuais tem superado, em parte, os que se consolidaram historicamente (qual seja, o de procriar e cuidar da família), acrescentando outros espaços que vêm conquistando, ou seja, podemos, finalmente afirmar que as mulheres, cujo trabalho aparece, via de regra, envoltos em uma rede de invisibilidades, têm na casa, na formação de grupos diversificados de produção, na busca do resgate de história/memória de suas lutas, mostrado que a constituição e a trajetória dos assentamentos têm que levar em conta, necessariamente o protagonismo das assentadas rurais.

Referências

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Gênero, Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Mercosul**. Brasília: MDA, 2006 (série NEAD Debate, n.9).

BRUMER, A. Gênero e geração em assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V.L.S.B.; ALY JR, O. (Orgs.) **Assentamentos Rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos)**. São Paulo: INCRA, 2005, p.351-371.

BRITO, J.C. de; D'ACRI, V. **Referencial de análise para a estudo da relação trabalho, mulher e saúde**, 2010. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-11X1991000200006&script=sci_arttext&tlng=ptpt>. Acessado em novembro de 2011.

FERRANTE, V.L.S.B. A proletarização não tem cartas marcadas (A terra no horizonte dos bóias-frias). **Natureza, História e Cultura – Repensando o Social**, Porto Alegre-RS: Editora da Universidade, 1992.

FERRANTE, V.L.S.B. (Org.) **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.9, NUPEDOR/UNIARA, 2004.

FERRANTE, V.L.S.B; BARONE, L.A. **Homens e mulheres nos**

assentamentos: violência, recusa e resistência na construção de um novo modo de vida. 1998. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2063>>. Acessado em 2012.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, H.C. Vozes e ações das mulheres na trajetória dos assentamentos rurais. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v.14, n.1, Nupedor/Uniara, 2009.

KUHN, E de O. Apareceu a margarida? História e representações sociais de mulheres camponesas no MS: um estudo sobre gênero e trabalho (1986 a 1994). Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. In: **Anais...**, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278256088_ARQUIVO_formularioFazGenero.pdf>. Acessado em novembro/2011.

MEDEIROS, L.S. de. Assentamentos rurais e gênero: temas de reflexão e pesquisa. In: LOPES, A.L.; BUTTO, A. (Orgs) **Mulheres na reforma agrária a experiência recente no Brasil**. Brasília: NEAD/MDA, 2008.

MELO, H.P.de; DI SABBATO, A. Gênero e trabalho rural 1993/2006. In: DI SABBATO, A.; MELO, H.P.de; LOMBARDI, F. (Orgs.) **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres**. NEAD: Brasília, 2009.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

WOORTMANN, E.F. Da dependência à complementaridade. **Anuário Antropológico**, Brasília, n.79, UnB, 1993.